

Pâmela

「prosa/não ficção」

Carbonari

Derby azul da cor do mar

O sonho de Marisa era conhecer o mar. No dia em que viu o chocolatão da praia de Capão de Canoa, decidiu que queria viver no litoral. No ano seguinte, seguiu a irmã mais nova e fugiu daquele frio desgraçado de Carazinho, no interior do Rio Grande do Sul.

Hoje, duas décadas depois, vive no Morro do Quilombo, na favela de poucas ruas e muitas casas a caminho da Lagoa da Conceição, um dos pontos turísticos de Florianópolis. Divide o teto com a irmã, a mãe, o cunhado, os sobrinhos e os dois filhos. Cobre as faxinas que Márcia, a irmã, não dá conta de fazer no prédio de classe média em que vivo, perto do Morro. Participa de um clube de heavy metal, tem mais de dez tatuagens e recentemente colocou um piercing na sobrancelha. Diz que não confia em mané, mas de Floripa não sai, que não existe mar mais lindo que aquele. Afinal, todo mar é mais mar que o mar de Capão.

— Posso chegar às 9? Antes disso nem adianta fazer faxina que o sol ainda não subiu e tudo fica úmido. Se precisar lavar calçado é mais R\$ 30, tá? Tu sabe que detesto ficar esfregando sola. Se tu tiver aula, deixa a chave debaixo do tapete. Aqui todos os porteiros me conhecem e, se não conhecem, é só dizer que sou irmã da Márcia que me deixam entrar.

Marisa toca a campainha às 10, entra no apartamento, troca os tênis por chinelos de dedo, vai para a sacada fumar.

— Não quero, obrigada. Se tiver um chimarrão eu até tomo, mas bolo, não. Estou fechando a boca. Vou ver o Gerson no mês que vem,

ele me quer magra. Se chegar assim toda embaraçada, ele diz que vai me trocar por uma menina. E sei que ele não tá brincando – gargalha, baforando a fumaça no lado o varal. – A gente tem encontro do Heavy, quero estar bonita. Retoquei essa tattoo aqui do ombro, olha só. O Danilo, meu mais novo, não gosta. Diz que eu já passei da idade, que pareço uma bruxa velha com tanto desenho. Olha bem se um guri dessa idade vai mandar em mim.

Marisa volta para a área de serviço, coloca pano, espanador e produtos de limpeza em um balde. Entra no meu quarto, levanta uma pilha de livros, romances com dedicatória, poesias dos João Cabral de Melo Neto, manuais de psicologia que me ajudam a dar rumo à apuração de uma reportagem sobre o grupo de apoio Mada (Mulheres que Amam Demais Anônimas), obras que preciso ler para a faculdade e outras que pretendo algum dia terminar. Folheia alguns, organiza as capas por cores sobre o criado mudo, para nas mensagens escritas a mão na folha de rosto.

– Não gosto de ler, não tenho paciência pra isso. Mas queria que o Gerson me desse livros de presente, que escrevesse essas coisas românticas antes da história começar. Eu me apaixonei porque ele é um homem que entende do mundo. Não é um tonto igual a esses manés daqui. Ele tem diploma em agronomia, fala cada coisa inteligente. Prefiro ficar sozinha aqui com a minha própria ignorância que namorar com homem burro. O Gerson é bem de vida, mas mora com os pais num sítio lá perto de Bento Gonçalves. Quando não tem encontro do Heavy, a gente fica andando de moto por aquelas estradas de chão. O cabelo chega a ficar duro de tanta poeira. Ele disse que quando conseguir trocar de moto, vai arranjar uma casa pra gente. Os pais dele acham que ele deveria estar com uma mulher que pudesse dar um filho pra ele. Deus me livre de cuidar de cria outra vez. As minhas crescem, crescem e não desmamam nunca.

Às 4 da tarde, Marisa bate a porta.

Quinze dias depois, volta para limpar o que tinha deixado limpo na quinzena anterior. Calça os chinelos, vai para a sacada com um maço de Derby azul. Ao me ouvir verbalizando em círculos os dilemas de sempre, em dúvida sobre a roupa que usaria à noite, ir ou não a um encontro disfarçado de enésima chance, colocar em prática minhas ideias de tatuagens, omitir o que acontecia longe de casa, voltar a morar no Rio Grande do Sul ou mudar para outro continente, Marisa não hesita em me dar

conselhos que parecem mais diminuir nossa diferença de idade do que iluminar minhas escolhas.

— A hora de tomar decisões ruins é agora mesmo, guriazinha. As maiores alegrias da minha vida foram pouco antes de quebrar a cara. Claro que não falo isso pros meus filhos, quero que eles tenham um futuro melhor que o meu. E se tu vai te encontrar com aquele despenteado, por que se cobrir tanto? Se eu pudesse, só andaria com roupa de pirigüete. Mas se fizer isso vou presa por atentado ao pudor. Queria saber costurar, só pra me fazer umas roupinhas mais ousadas, sabe? Esse povo acha que gordo não quer ser sexy, eu fico indignada. Não é porque não faço questão de exibir minha barriga que quero me vestir de freira. Olha só a Márcia: dois anos mais nova que eu, mas parece que tem 30 e não aproveita. É aquele encosto do Claudio. De que adianta ser a Gisele Bündchen e não desfilar?

Escora uma das mãos na parede da sacada, ri e tosse a tosse de quem começou a fumar aos 12 anos. Pede um copo da água.

— Minha guria tá cursando enfermagem, vive brigando comigo pra parar com essa merda. Mas eu não consigo, já fiz de tudo. Ela só para quando digo que se eu morrer cedo faço o favor de não dar trabalho pra ela. Minha mãe tá entrevada lá em casa, não sabe mais quem é quem. A gente brinca, inventa umas mentiras pra ela rir um pouco. Depois que faço minhas palhaçadas, me escondo dela pra chorar. Aquele é só um corpo, minha mãe não tá mais ali.

Na quinzena seguinte, Marisa substitui a selfie mandando beijo no perfil de WhatsApp por uma imagem genérica de pôr do sol. Manda mensagem para remarcar a faxina:

— Não estou bem de saúde.

Chega às 9 do dia combinado, cabeça baixa, sem o piercing na sobranalha e o delineador preto nos olhos. Não carrega a carteira de Derby azul. Puxa uma das cadeiras e senta à mesa onde estou sentada.

— Quero, sim, deixa que eu pego uma xícara pra mim. Ai, guriazinha. Tu nem sabe o que aconteceu. Eu tinha encontro do Heavy, tava animada, seguindo a dieta, fiz as unhas, pintei o cabelo, gastei uma dinheirama na passagem. O Gerson disse que ia me dar a passagem de volta, era só eu ir. Chegando lá, comecei a sentir minha orelha inchar e endurecer,

ficou feito uma batata. Uma e depois a outra. Eu tava tão animada pra encontrar o Gerson, o pessoal do clube, ir no festival, ia ter cada banda boa. Mas assim que o Gerson me buscou na rodoviária, pedi pra ir pro hospital. Acabei internada. Perdi tudo, gurria! Sorte que a fila do hospital foi rápida. Os médicos disseram que eu poderia ter tido um choque anafilático e que deve ter sido reação à tinta de cabelo. Tenho uma foto aqui no meu celular do estado que fiquei, dá medo de olhar. O desgraçado do Gerson não apareceu mais lá. Depois vi foto dele no Face, todo bonitão. Acredita que fiquei lá sozinha?

O café da xícara acaba, sobram apenas migalhas no prato que ela empurra alguns centímetros à frente para o cotovelo caber sobre o tampo da mesa e sustentar a cabeça. Preencho nossas xícaras com líquido preto acobreado de novo.

— Não podia pedir ajuda em casa, tinha saído batendo a porta e dizendo que eu já era adulta, que não precisava pedir permissão pra nada. ‘O que um cara jovem e estudado vai querer contigo?’ Sempre me disseram pra parar de me aventurar como se tivesse 20 anos. Devia ter sido certinha igual à Márcia, que só exagera no tanto que fala. Aquela bicha fala, né? Nem ela nem meus guris gostavam do Gerson. Como eles não gostavam nem de quando eu tava com o pai deles, nunca dei bola. Mas a verdade é que não conheço um homem que preste. Já vivi bastante, já devia saber. Tenho cada cliente chique, viajada, bonitona. E, vira e mexe, uma delas tá choramingando por causa de homem mau caráter. Bem que eu devia ter largado aquele traste quando ele me fez descer do carro na volta do ano novo em Canasvieiras. Ele ficou revoltado, porque fiz amizade com um casal de hippies argentinos. Sim, um absurdo! Eles falam uma língua engraçada, né? Lembra aquele cantado da fronteira, mas é bonito, parece música. Eu dizia pra eles que aqui no Brasil dá sorte pular sete ondinhas quando vira meia-noite. Eles me respondiam da maneira deles, eu repetia. Tava me divertindo, eles também. Que mal tinha nisso? Mas o Gerson não podia me ver sendo feliz que lá vinha ele acabar com a minha alegria. Passei o réveillon chorando. Voltei da SC até a praia a pé, fiquei lá desviando de gente bêbada até minha cara melhorar. Não queria que meus guris me vissem chegar em casa com aquela cara. O Gerson não falou mais comigo desde quando me deixou no pronto-socorro.

Marisa levanta, vai para a sacada, bate os bolsos à procura de cigarro e isqueiro.

– Pra piorar, os médicos pediram pra eu ficar sem fumar por 15 dias pra limpar um pouco meu corpo depois do susto. Tu não tem cigarro em casa, né? Pode até ser aquele cigarrinho de cravo que vocês fumam. Saudades do meu azulzinho. ■

Pâmela Carbonari

Gaúcha, jornalista formada pela UFSC. Em São Paulo, trabalhou como repórter nas redações das revistas *Exame* e *Superinteressante*.

